



A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA NO CAMPO SOCIOEDUCACIONAL NO CENTRO SOCIOEDUCATIVO MOCINHA MAGALHÃES EM RIO BRANCO – ACRE

Ana Augusta Matias de Souza¹
Maria Salete Peixoto Gonçalves²
Lucas Wendell de Oliveira Barreto³

A perspectiva sociológica no campo da Socioeducação possibilita a construção de projetos de vidas adolescentes submersos no cenário de vulnerabilidade e invisibilidade social, permitindo-nos, assim, organizarmos práticas propositivas de insurgência que viabilizem condições outras de ser-saber e postura diante da sociedade. Dito isto, a presente comunicação objetiva discutir duas ações pedagógicas intituladas “Análise Sociológica da Música” e “Mulheres na Arte”, desenvolvidas no “Programa de atendimento a meninas adolescentes de 12 a 20 anos em cumprimento de medidas socioeducativas no Centro Socioeducativo Mocinha Magalhães”, vislumbrando potencialidades e tecendo reflexões sobre a perspectiva sociológica educacional e os cenários de precariedade da vida. Em abordagem teórica Decolonial-Freireana, buscamos compreender e tensionar normatividades historicamente enraizadas no colonialismo que visam, por meio de suas lógicas opressivas, assegurar a manutenção das relações desiguais de poder-ser-saber que se incidem sobre adolescentes que se encontram à margem da sociedade. Dessa forma, esta comunicação emerge de uma pesquisa-ação, pela ótica qualitativa no âmbito das medidas socioeducativas de internação, tomando como instrumento de coleta de dados um breve levantamento documental e bibliográfico que considerou produções nas áreas da Educação, Psicologia e Ciências Sociais; bem como alguns documentos de registros pedagógicos e institucionais do Instituto Socioeducativo do Acre que nos permitiram entender nosso contexto de atuação. Além disso, valemo-nos do dispositivo de coleta e análise da Documentação Narrativa das Experiências Pedagógicas, o qual permite por meio dos registros, retomar, refletir e discutir nossas práticas pedagógicas empreendidas por nós, atores-autores das ações. Ou seja, é um “processo colaborativo de análise por meio do qual as experiências são apresentadas, narradas e postas na mesa de debate, construindo um todo interpretativo/interpretável que elucida a complexidade do fato narrado e vivido” (SUARÉZ; OLIVEIRA, 2023, p. 106). Como análise, as ações produzidas nas oficinas surgem como uma oportunidade de (re)pensarmos e nos conscientizarmos acerca das relações de gênero em um contexto social marcado pela precarização de meninas adolescentes que já vêm de lugares sociais problemáticos pela negligência do Estado e suas políticas públicas, que desenham paisagens marcadamente desiguais, sobretudo por via dos marcadores de gênero-classe-raça. O campo científico da socioeducação vem demonstrando que ser encarcerada significa (para além

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Acre, UFAC, Rio Branco – Acre, Brasil. E-mail: ana.augusta@sou.ufac.br.

² Doutora em Educação, professora na Universidade Federal do Acre, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Práticas Decoloniais Freireanas (GPPDEF) e do “Programa de atendimento a meninas adolescentes de 12 a 20 anos em cumprimento de medidas socioeducativas no centro socioeducativo Mocinha Magalhães”. E-mail: maria.goncalves@ufac.br

³ Historiador, Mestre em Educação, Especialista em Docência e Prática do Ensino de História, Professor Supervisor no “Programa de Atendimento à Meninas Adolescentes em Privação de Liberdade no Centro Socioeducativo Mocinha Magalhães/ Rio Branco (CSMM/AC)”. E-mail: lucaswendelloliver@gmail.com.



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



da responsabilização pelo ato infracional cometido) ser quitada de sua própria humanidade. Isso porque o estigma social que recai sobre a mulher que comete práticas delituosas é diferente do que se incide sobre homens. Isso se dá pois historicamente, a mulher é pedagogizada a assumir papéis de serventia que encenam feminilidades dóceis e quanto mais se afastam de tais enquadramentos normativos, mais negligenciadas são pelos aparelhos do Estado, sobretudo quando infligem as leis. Ao nos voltarmos para nossas experiências pedagógicas, identificamos que todos os campos são pedagógicos a partir da realidade exposta, pois encontra-se possibilidades insurgentes no atendimento humanitário a jovens privadas de liberdade, havendo a troca entre o ensino-aprendizagem do docente e educando, promovendo intervenções que perpassam no contexto histórico patriarcal, punitivo e sancionatório que essas adolescentes já enfrentam, obtendo em resposta discussões sobre empoderamento feminino e o conhecimento de suas pluralidades, integridades e direitos. Por fim, é possível evidenciar as políticas e ações socioeducacionais no atendimento de adolescentes em privação de liberdade, como também o potencial de transformação social que emerge dessas ações humanitárias e decoloniais nos espaços que podem despertar uma insurgência educacional.

Palavras-chave: Adolescentes; Ciências Sociais; Decolonial-Freireana; Socioeducação.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, A. D. de; SUÁREZ, D. H. DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COMO ESCRITA DE SI: DIMENSÕES FORMATIVAS, TEÓRICAS E EPISTEMOPOLÍTICAS. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 101–113, 2023. DOI: 10.31639/rbpf.v15i33.716. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/716>. Acesso em: 15 jul. 2024.